

**VIVER E ACREDITAR:  
CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES DO SERTÃO NORDESTINO**

Liliane Viana da Silva<sup>i</sup>

**Resumo**

A obra *A Casa* (1999) da autora Natércia Campos é uma narrativa poética que retrata por várias gerações a vida de seus habitantes dentro das dependências da casa natal. Natércia Campos viveu a maior parte de sua vida em Fortaleza e sempre demonstrou encanto pelas contações de histórias dos mais velhos, fantasias, crenças e superstições vivenciados pelo povo cearense. A autora cearense dá vida e voz a uma casa centenária, que assume a qualidade de personagem da história narrada, com o objetivo de contar, recontar e participar de um ciclo de gerações dentro de suas próprias dependências. Nosso objetivo é discutir como as crenças e as superstições acompanham as pessoas dessas gerações e como elas se entrelaçam na fé dessas mesmas pessoas. Como suporte bibliográfico, destacamos os escritos do pesquisador Câmara Cascudo, tendo em vista que a própria autora o cita como inspiração e grande contribuição para sua busca em função das raízes do povo cearense; bem como das ideias de alguns pesquisadores sobre as crenças e superstições.

**Palavras-chave:** A Casa, Sertão, Gerações, Crenças, Superstições.

**LIVING AND ACCREDITING:  
BELIEFS AND SUPERSTITIONS OF THE NORTHEASTERN BACKWOODS**

**Summary**

The work *The House* (1999) by the author Natércia Campos is a poetic narrative that portrays for several generations the life of its inhabitants inside the dependences of the native house. Natércia Campos lived most of his life in Fortaleza and always showed charm by the accounts of stories of the elders, fantasies, beliefs and superstitions experienced by the people of Ceará. The author from Ceará gives life and voice to a centennial house, which assumes the character of the story narrated with the purpose of counting, recounting and participating in a cycle of generations within its own dependencies. Our goal is to discuss how beliefs and superstitions accompany the people of these generations and how they intertwine in the faith of these same people. As bibliographical support, we highlight the writings of the researcher Câmara Cascudo, considering that the author herself cites it as inspiration and great contribution to its search in function of the roots of the people of Ceará; as well as some researchers' ideas about beliefs and superstitions.

**Key words:** The House, Backwoods, Generations, Beliefs, Superstitions.

**1 – A CASA, O SERTÃO E A ARTE DE ACREDITAR**

A história da humanidade é envolta em suas crenças e valores religiosos porque o homem é um ser histórico e sua existência é vista dentro de uma cultura; cultura essa regida pelo povo, atravessando gerações e sujeita a modificações. O ato de crer em superstições é uma forma antiga

---

<sup>i</sup> Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); mestra em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e professora substituta da Universidade Estadual do Ceará – UECE, campus FAFIDAM. E-mail para contato: liliane.lettras@hotmail.com.

em que o humano precisa para ter sustentação em seu meio material e espiritual. Neves, em seu *Dicionário de Superstições*, afirma essa questão:

O homem comum permanece na nossa contemporaneidade, muito longe de observar os fenômenos sob esse espírito – está ainda próximo da perplexidade do homem primitivo. Daí que, para ter equilíbrio emocional, procure nas religiões e nas crenças – por mais absurdas que se nos apresentem – explicação para a complexidade dos fenômenos e do mundo em geral. É esta espécie de conforto moral que explica a permanência das superstições no ser humano como forma de ordenar o caos mental em que se encontra. (NEVES, 2044, p. 4-5)

Ao longo da história o ser humano sente-se angustiado diante do sobrenatural, do acaso, por não saber defini-los; assim, procura nas crenças, nas superstições, no misticismo uma explicação para levá-lo a equilibrar o emocional e o mental. O povo nordestino, assim como em outras regiões, carregam suas crenças em amuletos, objetos; mostram-se supersticiosos nas ideias populares comuns e naturais; sentem-se e precisam de um elo religioso para direcionar seu ser no mundo.

A escritora cearense Natércia Campos exemplifica bem essas manifestações populares dentro da obra *A Casa* (1999) e como uma sertaneja e cearense nos convida para ouvirmos as histórias dessa Casa numa linguagem tanto erudita como popular. Natércia começou a escrever tarde em comparação às demais escritoras que temos em nosso rol da literatura; na verdade, seu primeiro escrito só veio a público quando a autora já tinha tido seus seis filhos e com o nascimento de seu primeiro neto. A escritora, na verdade, já nasceu entre os livros e sua paixão pelo Nordeste fez com que a autora surgisse e, em pouco tempo, ganhasse destaque entre os outros de sua categoria de escritor. Sua obra *A Casa*, pode até ser vista por algumas pessoas como uma narrativa curta, por conta de suas 89 páginas<sup>i</sup>, mas é justamente nessas poucas, porém, ricas páginas, que nos deparamos com um encontro fantástico e enriquecedor da escrita poética dessa autora cearense.

As primeiras páginas da narrativa é destinada a criação da Casa tanto como espaço como seu primeiro sopro de vida. Com uma voz *antropomorfizada* e um tempo de vida diferente do tempo dos humanos a Casa, de nome *Trindades* e com o apelido de *Casa Grande* nos relata as crenças e superstições destinadas a sua criação:

Fui feita com esmero, contaram os ventos, antes que eu mesma dessa verdade tomasse tento. Meu embasamento, desde as pedras brutas quebradas pelos homens a marrão aos baldrames ensamblados nos esteios, deu-me solidez. As madeiras de lei duras e pesadas com que me construíram até a cumeeira têm o cerne de ferro, de veios escuros, violáceos e algumas mal podiam ser lavradas. Todas elas foram cortadas na lua minguante para não virem a apodrecer e resistirem, mesmo expostas ao tempo: o estipe das carnaúbas, os troncos do jucá, os da ibiraúna, a braúna, a madeira preta dos índios fechada à umidade por ser impregnada de resinas e tanino. (CAMPOS, 2004, p. 7).

<sup>i</sup> Edição da Editora UFC, de 2004.

Percebemos que as madeiras eram bem selecionadas, de acordo com os momentos e vitalidade da natureza, e eram cortadas em dia de lua crescente para assim durarem por longos anos, anos esses que viraram séculos. Segundo a própria Casa sua estrutura foi levantada em um local de águas enfeitadas: “Meus alicerces foram feitos muito depois que a lagoa de águas salinas se evaporou. A causa foi o aprisionamento da fonte por gigantesca pedra ali colocada com magia e silêncio pelos índios cariris” (CAMPOS, 2004, p. 11); no entanto ela tinha ciência que um dia tais águas iriam voltar a sua origem, sentindo-se parte daquele espaço mágico: “Esta a única a ouvir dia e noite o fragor das águas contidas, que um dia retornarão à luz do sol e das estrelas apossando-se do seu antigo leito. Certa noite, escutei este fragor e deu-me a sensação de que deste mundo marinho, latente, faço parte” (CAMPOS, 2004, p. 12).

Seu construtor José Gonçalves Campos, português, e também seu primeiro dono, “o dono vindo do Ente-Douro e Minho”, (CAMPOS, 2004, p. 8) deu-lhe vida quando colocaste uma pedra de lioz na soleira da casa. Nesse momento a Casa explica todo um ritual de crenças com o intuito de dar-lhe segurança e permanência de seus habitantes, visando as dependências da própria casa:

Fui tocada pelo sopro da vida quando foi colocada a pedra de lioz da sagrada soleira que doravante protegeria meus domínios familiares. Meu dono descobriu-se solenemente antes de levantá-la, ajudado por dois mestres em cantaria. Os três em silêncio a fixaram na entrada, defensora e guardiã, daí em diante, dos malefícios. Sob ela se guardariam amuletos, simpatias e seriam enterrados os umbigos dos recém-nascidos para que fossem apegados à casa paterna. Nela se pediriam graças e se dariam bênçãos nas partidas. Era no seu limiar que a mãe recebia, de volta dos braços da madrinha, a criança já batizada (CAMPOS, 2004, p. 09-10).

E falando em batismo, assim como todas as crianças que ali nasceram, a Casa também fora batizada ganhando o nome de *Trindades*: “Foi em junho, na Hora-Aberta e solene do toque das Aves-Marias (...) que fui batizada pela chuva repentina e alvissareira (...). Sorvi e senti-me renascer. Encantei-me com aquelas gotas de água vindas do céu” (CAMPOS, 2004, p. 15). O foco do seu batismo como em outras situações ao longo dos anos é a superstição das horas do meio-dia e meia-noite, também conhecidas como Horas-Abertas, que segundo os antigos são as horas para pragas e rezas de grande força: “Meu dono falou aos homens sobre esta Hora-Aberta, a meridiana, hora sem defesa em que os demônios do meio-dia libertam-se. Hora grave de ameaças, já que pragas e rogos são atendidos pelos céus” (CAMPOS, 2004, p. 10).

Camâra Cascudo em seus estudos sobre o folclore, superstições e impressões do povo brasileiro mostra no seu livro *Coisas que o povo diz* o que são essas Horas-Abertas e a hora meridiana do meio dia:

As horas abertas são quatro: meio-dia, meia-noite, anoitecer e amanhecer. São as horas em que se morre, em que se piora, em que os feitiços agem fortemente, em que as pragas e as súplicas ganham expansões maiores. Horas sem defesa, liberdade para as forças malévolas, os entes ignorados pelo nosso entendimento e dedicados ao trabalho da destruição (2009, p. 49).

Encontramos nas próprias palavras da autora Natércia Campos que Luís de Câmara Cascudo foi sua grande inspiração, afinidade e influência: “Através de seus livros, aprofundei-me nos costumes, tradições populares, fábulas, cantigas, acalantos, assombros, jogos, danças de roda (a milenar ciranda), artesanatos, superstições de antigas culturas que nos procederam e as que nos colonizaram” (GUTIÉRREZ; MORAES, 2007, p. 37).

Câmara Cascudo, ainda em seu livro, nos mostra a definição de algumas superstições contidas ao longo da nossa narrativa estudada. Um exemplo forte é quando a Casa relata o fato de um homem ter que abraçar a bananeira para torná-la fértil, Cascudo nos diz que “[..] Certas árvores de fruto dependem de ser ou não tocadas ou tratadas por mulheres outras o plantio é privativo de um sexo [..] Outras espécies, como o mamão ou a babaneira, só o homem deve plantar e colher. Algumas devem ser abraçadas por homem para que frutifiquem” (2009, p. 98).

A própria Casa diz que “as superstições do além-mar, logo aliaram-se às que aqui existiam” (CAMPOS, 2004, p. 13). Uma crença que atravessa gerações e que também atravessou esse *além-mar* da narradora que remete a Portugal são as metamorfoses da Morte. A palavra *metamorfoses* é utilizada dentro da narrativa para demonstrar as facetas e as situações que a Morte se posta na vida dos humanos. Vida e Morte são tratados como entidades sobrenaturais que ganham espaço dentro da narrativa, até porque fazem parte da existência humana na terra. Cascudo fala: “O povo acredita que a Morte tenha forma e limitações somáticas” (2009, p. 105) e ainda ressalta que “A credence fixa um conceito popular sobre a personificação da Morte. (2009, p. 106).

A Morte é vista como aquela que invade as dependências da casa sempre com uma missão a realizar. Observemos a primeira vez que a Casa sentiu a sua visita:

Lembro-me da primeira vez, e havia de ser nas Trindades, quando Ela aqui chegara em missão. Uma das portas abriu-se sem que ninguém a empurrasse e nem a frágil aragem a tocasse. Os ventos haviam me alertado que a Morte assim entra nas casas quando, silenciosas e inexplicáveis, as portas se abrem (CAMPOS, 2004, p. 15).

Ela lhe daria o nome de *Moça Caetana* para designar-lhe o pavor e a sangrenta morte do sertão, como também em situações de mau agouro, vista na narrativa pela aparição e pio estridente da *Rasga-Mortalha*: “A crença agoureira da morte, pousou nesta terra sobre as asas da pequena coruja alvacenta, a rasga-Mortalha [..] Era esta coruja de canto lúgubre voar baixo e insistente sobre uma casa onde houvesse um doente de cama, para se acatar seu prenúncio.” (CAMPOS, 2004, p.

13).

Retornando ao pesquisador Câmara Cascudo, vejamos o que ele tem a nos dizer sobre isso:

Há uma família inteira que não merece relações de amizade. São as sisudas strix. Todas as corujas são da intimidade da Morte e se dão ao desplante de vir rasgar mortalha, quando o defunto ainda está vivo, ou piar-lhe à porta numa cantiga que é um arrepio sinistro. As penas da coruja, molhadas no próprio sangue e enterradas na soleira da porta ou morão da porteita do curral, afugentam fantasmas e anulam bruxarias. (2009, p. 136)

No sertão a morte também vem acompanhada pelo flagelo da seca, que traz a fome como sua representante. Assim como a Morte possui um nome para designá-la a fome é conhecida como a *Velha-do-Chapéu-Grande*, esta que assiste o padecer dos viventes e leva os sertanejos em tempo de seca a tornarem-se retirantes, deixando sua moradia e só voltarem quando os céus mandarem chuva. Tal situação também é percebida na narrativa, a Casa aos poucos fora entendendo o porquê de seu abandono: “Longo foi o tempo sem chuva e de estranha solidão de sons, pios e vozes. As cigarras eram as únicas a continuarem a cantar, chamando o sol e provocando o sono. Os vaga-lumes apagaram-se na Grande-Seca, e quando isto ocorreu, soube que fora abandonada.” (CAMPOS, 2004, p. 23)

Uma prática forte do sertanejo é o clamor aos santos. Em época de seca os homens rezam a seus protetores pedindo-lhes chuva, e as superstições são colocadas em prática para que tal pedido venha logo a se realizar. Notamos que a Casa faz referência aos ritos religiosos e que, de acordo com o tempo, o homem vem praticando superstições, chegando a modificá-las, mas permanecendo sua intenção. Podemos entender melhor tal ideia no trecho narrado pela Casa:

Os homens demoraram a infligir aos seus santos os maltratos de colocá-los ao relento, expostos à ardência e calor do sol para melhor sentirem o horror da sede, do flagelo da seca. [...] Se ela não caía, era castigo infligido por não respeitarem as leis divinas. Desde aí vem a colocação das seis pedrinhas de sal expostas e alinhadas ao relento no final do dia, véspera de Santa Luzia, a representarem os seis primeiros meses do ano. Na manhã seguinte, antes do sol esquentar, se as pedrinhas de sal não chorarem, é presságio de seca e, naquele ano, nenhuma se transmudara em aljôfar, em lágrima. (CAMPOS, 2004, p. 14)

Percebemos que na narrativa muitos foram os santos rogados, porém três nutriam a esperança de mudança no tempo. No dia de São Vicente os homens atearam fogo em gravetos com intenção de espertar os ventos e assim as fumaças se espalharem como as águas, mas não aconteceu, a fumaça subiu linheira continuando sua empreitada. O dia de Nossa Senhora da Purificação, Nossa Senhora das Candeias, foi a segunda tentativa, rezavam à noite ascendendo velas à santa; neste mesmo dia tinham uma prática de batizar os pagãos e as crianças mortas, despejando águas nas suas sepulturas, porteiras dos currais e caminhos em forma de cruz.

O dia de São José era a terceira e última tentativa de mudanças no tempo; sabiam que se

não chovesse nesse dia seria tempo de seca e assim se fez. Padroeiro do Ceará e patrono da Igreja Católica, São José é visto, principalmente pelos nordestinos, como o santo para um bom período de chuva. Em várias tradições religiosas, trabalhadores da terra desenvolvem mitos, ritos e louvores a santos para conseguirem boas colheitas.

A Casa, assim como um humano, vai aprendendo as coisas pelo o que chega a ouvir e vivenciar por seus habitantes. Suas primeiras lições sobre manifestações religiosas veio do seu primeiro dono: “Aprendíamos com ele, por suas histórias, sobre os Santos do Dia, das estrelas cadentes que eram as lágrimas de São Lourenço, morto em braseiro de fogo ardente” (CAMPOS, 2004, p. 19); porém foi com Tia Alma, uma das moradoras da casa, que aprendera as histórias de vida dos santos, as superstições das almas penadas que vagueiam na terra e os períodos santos como a Quaresma, Semana Santa e Natal.

Em dezembro tia Alma era quem armava, em dois nichos próximos à lapinha, o presépio e o calvário, unindo nascimento e morte. Tinha saudade do detonar da pólvora nas ronqueiras e as melodias dos pífanos no Natal. Os seus santos do oratório, ela os amortilhava de roxo por toda a Quaresma, mas os deixava iluminados com a luz mortiça da lamparina de prata com azeite. Na noite de Sexta-feira da Paixão para o Sábado de Aleluia, nas doze badaladas da meia-noite, rezava de olhos fechados o Rosário das Alvíssaras para Nossa Senhora, pedindo graças pela ressurreição do crucificado, seu Bento Filho (CAMPOS, 2004, p. 29).

Tia Alma a personagem de maior representação religiosa em toda narrativa, ganhara tal apelido dos sobrinhos por ser muito devota. Fora batizada de Maria por sua mãe e por possuir o nome santo e ter boa mão era destinada a tarefa de semear a horta. Ela esteve junto a Trindades por quase cem anos e por esse longo tempo demonstrou sua veia religiosa sempre ligada as superstições da terra: “Sorria tia Alma ao dizer que não se deve passar a mão nos cabelos ao despertar de um bom sonho, pois este virá a se perder, esfumado e esquecido nas voltas da memória” (CAMPOS, 2004, p. 27-28) e ainda dizia: “Não se deve pronunciar o nome de alguém que já morreu para não interromper seu repouso, fazendo-o voltar. Antes do nome ponham a palavra – finado -, pois ele ao ouvi-la saberá sua nova condição” (CAMPOS, 2004, p. 29).

Foi também no tempo de tia Alma que notamos as mudanças de costumes sentidas de geração a geração:

Noite de guarda ao morto, de choros e orações. Derramaram toda a água aqui existente, a dos cântaros, gametas, jarras, cabaças, quartinhas, vasilhas, ancoretas e potes. Preceito dos antigos. Lei Velha, pois a alma do morto podia vir banhar-se e nelas o Anjo lavara sua espada percuciente. [...] Nas gerações seguintes o preceito de derramar as águas foi sendo esquecido e outros costumes surgiram, entre eles, os cantos entoados nos velórios diante do morto, as excelências, e o de cobrirem com crepes na primeira semana nos lutos e nas noites de trovoadas e relâmpagos o belo espelho oval, emoldurado por querubins, laços e folhas de acanto de madeira. (CAMPOS, 2004, p. 30).

O belo espelho oval citado acima é uma das superstições fortes dentro da casa. Feito por um artesão chamado de *o mago dos espelhos*, chegou na Trindades já com a superstição que o seu criador não viu o próprio reflexo, sinal que a morte estava por vir. O espelho não é um mero objeto/refletor de imagens, em momentos-chave da narrativa percebemos que ele está sempre ligado à figura da morte, como na parte em que seu próprio criador não consegue ver seu refletor, o que anunciava a chegada de sua morte. Em alguns episódios, há o momento em que a Casa vê a entrada da Morte pelo espelho às vezes repentina e em outras demorada: “Presenciei durante várias gerações a chegada Dela abrindo portas, refletindo-se no grande espelho ao invadir meus espaços e muito aprendi sobre suas metamorfoses e disfarces” (CAMPOS, 2004, p. 17). E finalizando com a morte de Bisneto, o responsável por trazer o espelho a Trindades: “Ele a viu chegar pelo espelho. Seus olhos a fixaram levemente surpresos. Enfrentou-a sem medo. O espelho trincou de alto a baixo e só notaram quando mais velas foram acesas naquela sala onde o velaram.” (CAMPOS, 2004, p. 83).

Na cultura popular o espelho é sinal tanto de azar como de sorte, vejamos o que diz Chaves sobre essa questão:

Surgido na Itália, tal qual conhecemos hoje, o espelho é visto como algo mágico, aquilo que reflete a imagem do que somos. Associado à magia, muitos são os que creem que ele guarda todas as cargas positivas ou negativas adquiridas ao longo de sua existência e vislumbrado por ele. Tantos outros acreditam que quem o quebra, carregará consigo sete anos de azar; é consolo saber que se enterrados os cacos, o azar será enterrado com eles; absolvendo o indelicado que ousou quebrar. (2012, p. 33)

Para a Casa o espelho era também uma fonte de visão externa que ao abrir portas e janelas lhe dava a possibilidade de ampliar sua visão: “Nas noites do Senhor São João Batista, na sua festa de superstições, de plantas e águas purificadoras, as labaredas da fogueira dançavam no espelho, e quando portas e janelas eram cerradas, só a luz das velas e das candeias dava-lhe vida” (CAMPOS, 2004, p. 31); ou seja, a Casa só conhece o que se passava em seu interior, ficando a escutar o que dizem os Ventos e os outros contadores de histórias ao seu redor.

O tempo de Trindades durou alguns séculos, seus donos foram mudando e com eles o cuidado com sua estrutura: “Há muitos anos, quando fui doada de porta cerrada, o novo dono mandou ferrar o tabuado da minha grande porta com o seu ferro. Posse vã” (CAMPOS, 2004, p. 84). A mudança geográfica do sertão também é descrita: “O sertão não era mais a vastidão de terras sem limites, começara a ser demarcado com cercas e arames farpados” (CAMPOS, 2004, p. 84); como também as atitudes humanas: “Muitos foram os que furaram meu chão, cavaram ao meu redor à procura de botijas” (CAMPOS, 2004, p. 84). Ao findar-se, a Casa encontra-se submersa no mundo

das águas de uma bacia hidráulica, as mesmas águas aprisionadas do tempo de sua criação e que tanto sentia fazer parte.

Ao transformar um espaço físico em moradia projetamos nele nossos sonhos, desejos e intimidade. *A Casa*, de Natércia Campos, não é diferente, porque além de sentirmos parte da narrativa por representar uma casa sertaneja, somos puxados a nos entrelaçarmos no seu tear de histórias fantásticas, envoltas nas crenças e superstições da cultura popular com apoio em ritos e manifestações religiosas.

Trabalhar com Natércia é tornar relevante como uma autora da “pancada do mar” consegue captar e transcrever os aspectos e detalhes de um sertão nordestino. É se deitar plenamente na rede de um alpendre e se debruçar ouvindo uma verdadeira contadora de histórias, estas histórias que, independente de onde morarmos, farão parte da cultura nordestina e será espelho para nossa literatura.

### **Referências Bibliográficas**

CAMPOS, Natércia. **A Casa**. Fortaleza: Editora UFC, 2004.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Coisas que o povo diz**. 2ª ed. São Paulo: Global, 2009.

CHAVES, Sérgio Wellington Freire. **Transculturalidade em solo sertanejo: aspectos da brasilidade no romance A Casa**. Dissertação (Mestrado em Letras), UERN, Pau dos Ferros, 2012.

GUTIÉRREZ Angela; MORAES Vera (Org.). **Tributo a Moreira Campos e Natércia Campos**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2007.

NEVES, Orlando. **Dicionário de Superstições**. Portugal: Oficina do Livro, 2004.